

## GT05: Antropologia da Economia

Arlei Damo, Gustavo Onto

A tematização da "economia", incluindo-se o debate sobre o significado do termo, tem adquirido notoriedade na antropologia contemporânea, com a realização de teses, grupos de pesquisa, eventos e publicações. Desde o nascimento da disciplina, os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, bem como as formas de valoração e de provimento das condições materiais da vida, foram descritos pelas etnografias. Tais produções geraram debates acerca do lugar da economia nas sociedades, uma vez que as investigações antropológicas, realizadas junto a comunidades distantes, ofereciam novas questões e por vezes contrapontos às teorias econômicas produzidas na sociedade de origem da antropologia enquanto disciplina. Nas últimas décadas houve uma renovação deste debate, acompanhando a expansão capitalista dos intercâmbios de pessoas, mercadorias, ideias e infraestruturas. A Antropologia da Economia vem ganhando espaço no Brasil e a procura pelo GT nas RBAs de 2018 e 2020 são prova disso. O objetivo do GT é continuar o fomento do diálogo entre pesquisadores e explorar etnograficamente a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite, com suas ambiguidades e fluxos que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico com outras esferas tais como: as práticas familiares, o meio ambiente, as religiões, as artes, a religião, as moralidades, o Estado e assim por diante.

### **O "Bolsa Família" nativo: monetarização, risco e distribuição de renda entre os Rikbaktsa da Amazônia brasileira**

**Autoria:** Adriana Athila

Há escassez de estudos sobre economias e monetarização entre povos indígenas amazônicos. As etnografias disponíveis, ao mesmo tempo em que assumem que o dinheiro tem esperados efeitos (deletérios) sobre a vida aldeã, pouco os enfatizam analiticamente. Tudo se passa como se o mercado e o dinheiro permanentemente ameaçassem corromper um universo harmônico, resultando em etiquetas sociais perturbadoras e desconhecidas até então. Os mecanismos relacionais protetivos próprios ao parentesco, contudo, obliterariam as esperadas tensões conflituosas, através do imperativo moral de partilha entre um coeso bloco de parentes próximos. Se as pesquisas investigam o modo pelo qual o dinheiro e o mercado interagem com as relações comunitárias e sociocosmologias indígenas, assumem também a incomunicabilidade das noções sobre, por um lado, o parentesco e, por outro, o mercado. Características do primeiro, relações fundadas na pessoalidade, operadas pela troca recíproca justa, harmônica e não conflituosa, contrastariam com o cálculo auto interessado e egoístico, característicos do segundo. Este trabalho dialoga com estas ideias, a partir do caso dos Rikbaktsa, povo com cerca de 1800 pessoas, habitantes do noroeste de Mato Grosso. A pesquisa é parte de um conjunto de estudos sobre os impactos de políticas de transferência de renda entre indígenas de diferentes regiões do país. Com o objetivo de avaliar a grandeza da participação do dinheiro na vida dos indígenas, pesquisadores com longa experiência entre os povos participantes construíram questionários específicos, associados também a estudos etnográficos em campo. Entre os Rikbaktsa, o dinheiro era proveniente de fontes híbridas, estado presente nas diferentes classes de idade de entrevistados, a maior parte deles dividida entre dois perfis distantes de renda. As operações de compra e venda entre parentes eram abundantes e a renda estava desigualmente distribuída entre os domicílios. Etnograficamente, contudo, aquelas transações eram descritas como de ajuda, enquanto as casas tinham estrutura material e hábitos de consumo muito semelhantes. Uma etnografia da praxis das transações dentro e entre comunidades demonstrava, ainda, que elas nem sempre eram harmônicas ou

justas, possivelmente, desde antes do contato com os brancos ou com o dinheiro. Sem terem sido introduzidas por ele, a ajuda e a generosidade vinham sendo estimuladas de maneira talvez inédita pela monetarização, intensificando também o risco das relações e a possibilidade de conflitos. O caso Rikbaktsa complexifica a compreensão da esfera econômica, como dos fatores que pesam à calculabilidade de transações, dentro dos diversos contextos socioculturais onde elas emergem e, em última análise, dentro do que chamamos de capitalismo.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

